

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

PRISCILLA GOMES DA COSTA

O SANTÍSSIMO E AS VULVAS LÉSBICAS:
UMA EXPERIÊNCIA POÉTICA-TEOLÓGICA QUEER

VITÓRIA - ES

2022

PRISCILLA GOMES DA COSTA

O SANTÍSSIMO E AS VULVAS LÉSBICAS:
UMA EXPERIÊNCIA POÉTICA-TEOLÓGICA QUEER

Trabalho de conclusão de curso apresentado
para obtenção do grau de Bacharel em
Teologia, Faculdade Unida de Vitória.

Orientador: Prof. Dr. Graham McGeoch

VITÓRIA - ES
2022

Em memória de Vivian Rodrigues Borges,
a mulher que eu amei.

AGRADECIMENTOS:

A todos os professores que fizeram parte do meu processo de desconstrução e amadurecimento. Ao diretor Prof. Dr. Wanderley Rosa pela bolsa de estudo de 50% concedida em todos os semestres. À Profa. Dra. Claudete Ulrich, por publicar minha poesia e por existir como mulher e teóloga. Ao Prof. Dr. Alessandro Rocha (in memoriam), por ter acreditado em minha arte. Certamente ele riria de forma sarcástica e orgulhosa deste trabalho de conclusão de curso. Ao Dr. Prof. Osvaldo Ribeiro pela crueza e visceralidade. À Dra. e a teóloga queer Ana Ester Pádua Freire, pelas trocas de e-mails e materiais. Agradeço à sublime Marcella Althaus-Reid (in memoriam), por me mostrar ser possível tirar Deus do armário. E, e em especial, por não ter desistido de mim quando eu desisti. Pela sensibilidade poética e excentricidade divina, agradeço ao meu orientador prof. Dr. Graham McGeoch. Foi ele que me apresentou ao trabalho da Marcella e me incentivou a trabalhar os meus textos. Obrigada por enriquecer mais a nossa faculdade.

Agradeço aos doutores Patrícia e Washington Reis por me acompanharem desde 2014; eles são meus pais acadêmicos que eu amo. (Eles gostariam que a próxima faculdade fosse letras e não filosofia, mas eu não sou uma filha obediente rs). Ao Avalanche, lugar de um lindo divisor de águas na minha vida. Agradeço à Maraisa Leite que pagou minha faculdade no primeiro ano; ao meu irmão e amor Vinícius Gomes, por pagar minha faculdade nos cinco seguintes anos.

Agradeço às minhas amigas e amigos por me enxergarem: Caline Schimidt, Aline Marques, Renata Pessanha, Caroline Nascimento, Evelyn Raquel, Mariana Soares, Juliana Ávila, Maicon Rosa, André Felipe, Meiriele Lemos e Nieve Matos. Ao Spike, meu “cachorro-mustang” que me ensinou na prática o que é amar. E, é claro, agradeço à minha grande e doce ilusão, YAHWEH, o culpado pelos meus delírios ajoelhada com a cara no pó encharcado de angústias imperscrutáveis, e pela minha insana sede de destruí-lo de dentro de mim por, um dia, tê-lo amado com todo o meu ser perturbado, infantil, no entanto, sincero e apaixonado.

Por fim, agradeço ao Impossível De Ser Verificado, “Aquele que Permanece”, pela oportunidade de desconstruir fragmentos de uma de suas imagens “religare” na terra, e amadurecer na força de um espírito livre, para, agora - despojada do véu de Maya, e com a

satisfatória dor da lucidez de quem jamais voltará a entregar a consciência para a manipulação sacerdotal de divindade e ideologia alguma - caminhar em direção ao transcendente que habita dentro.

Dentro, o lugar mais difícil de ser encontrado.

Dentro, o lugar mais fácil de se perder.

Ali, deve ser onde Deus está.

Inominável.

E sem religião.

Se assim, Ele existir.

“[...] Escrevo, então, no limite da minha insana sede de existir para além da linguagem. Escrevo em busca da Fonte, do Nada, do Vazio. E o vazio é pleno. Deus é a plenitude do meu vazio”.

Priscilla Gomes

O SANTÍSSIMO E AS VULVAS LÉSBICAS:
UMA EXPERIÊNCIA POÉTICA-TEOLÓGICA QUEER

Priscilla Gomes da Costa¹

Resumo: O presente artigo pretende refletir sobre as formas de se pensar e fazer teologia. Para isso, vou discorrer sobre o fazer teológico na lente de Jaroslav Pelikan, onde trarei um recorte do primeiro volume de sua coleção, a Tradição Cristã - O surgimento da Tradição Católica 100 - 600. Posteriormente, apontarei Marcella Althaus-Reid, na experiência cristã queer; uma riquíssima contribuição ao pensamento teológico que nos convida, irresistivelmente, a uma mudança radical de círculo hermenêutico. E por fim, eu, Priscilla Gomes da Costa, bacharelada em teologia e autora de duas dramaturgias e poesias publicadas que também serão inseridas neste estudo com intuito de dialogar com esses dois referenciais teóricos, reforçando, de forma bem confessional com a teologia de Marcella, um “terceiro caminho” para se fazer teologia e experienciar o sagrado. Caminho este, não inédito, todavia, urgente, e que nos propõe uma experiência poética-teológica queer através do estudo da teologia pelo caminho da arte.

Palavras-chaves

Teologia Queer. Marcella Althaus-Reid. Sagrado. Erótico. Dramaturgia.

¹ Bacharelada em Teologia. *E-mail*: pfanticheli@gmail.com.

PROLEGÔMENOS

1 Apresentação poética

- Quem é este que vem de Edom, de Bozra, com vestes de vivas cores, que vem glorioso em sua vestidura, marchando na plenitude da sua força?
- Sou eu que promovo a justiça, que sou poderoso para salvar.
- E por que está vermelho o teu traje? Por que as tuas vestes se parecem com as de alguém que pisa uvas no lagar?
- O lagar, eu o pisei sozinho, e dos povos, nenhum homem se achava comigo. Pisei as uvas na minha ira, no meu furor as esmaguei; seu sangue me salpicou as vestes e me manchou o traje todo. Porque o dia da vingança me estava no coração, e o ano dos meus redimidos é chegado. Olhei, mas não havia quem me ajudasse! Admirei-me de não haver quem me sustivesse! Pelo que o meu próprio braço me trouxe a salvação, e o meu furor me susteve. Na minha ira, pisei os povos, no meu furor embriaguei-os, derramando por terra o seu sangue". Isaiás 63:1-6.

Declamando esse texto com imponência, e com a convicção de ser assistida, eu adentrava de joelhos o Santos dos Santos no meu quarto. A imagem desse guerreiro poderoso marchando na plenitude do seu vigor, com suas vestes salpicadas de sangue e embriagado de furor, estremecia o meu coração, mas não de medo - de veneração. Era uma devoção íntima nutrida por um certo brio de pertencimento e senso de justiça ao declarar que o guerreiro pisava e destruía o que via pelo caminho, manchando, assim, suas vestes fulgurantes. Eu me compadecia dele por dizer que não havia ninguém para o ajudar e no íntimo sussurrava: “se eu tivesse lá, Senhor, eu te ajudaria”. Eu me enchia de orgulho e paixão, e finalmente, quando terminava de citar o texto como prólogo do meu momento de oração, eu o perguntava com o coração queimando e os olhos ardendo de lágrimas: “como está o seu vestido hoje?”. Nesse momento, meu corpo se enchia de força, e no mesmo instante, eu o imaginava com o manto reluzente e colorido; suas vestes de vivas cores bailavam solenemente conforme ele vinha dançando em minha direção, extremamente lindo, majestoso e divinamente poderoso. Ninguém sabia ser Deus como ele, e esse, era o momento mais esperado do meu dia. Eu tinha 14 anos, e essa é minha história com Javé.

Antes de eu descobrir que Javé era só mais uma imagem dentre tantas outras que pode, ou não, representar uma face do divino - se assim ele existir - eu o amava. Mas eu não o amava como quem ama o pai, a mãe ou a amante. Eu o amava como Narciso amava a si mesmo. Nos meus devocionais diários - e eu era disciplinada com isso desde a minha conversão aos 14 anos, havia um momento, em que eu não queria mais ler os textos bíblicos e

fazer anotações; eu queria ser o texto, mastigar as palavras, comer o desejo do salmista que refletia no meu próprio desejo: “ó Deus, tu és o meu Deus, de madrugada te buscarei; a minha alma tem sede de ti e o meu corpo te almeja muito em uma terra seca e cansada onde não há água [...]” Sl. 63:1; ou ainda, “[...] com a minha alma suspiro de noite por ti, e com meu espírito dentro de mim, eu te procuro diligentemente [...]”. Is. 26:9a. Pois, no deserto de quem eu era, no caos das minhas perturbações de identidade e na terra carente que era o meu ser adolescente e lésbico, de corpo violado, pardo e sombrio, eu alimentava algum sentido de existência e pertencimento com a imagem de Javé como o meu Deus; o único Deus verdadeiro que existia. E o seu nome, era a pulsão da minha essência...”.

2 Relato autobiográfico

Eu me chamo Priscilla Gomes da Costa, sou nascida e criada na periferia do Rio de Janeiro. Me converti ao cristianismo e me batizei aos 14 anos, mas meu primeiro contato com Javé foi aos nove através de uma vizinha - uma mulher negra que viria a ser minha pastora futuramente. Minha mãe, uma mulher branca e ekedi candomblecista, apoiava que fôssemos à igreja - mal sabia ela que, após a minha conversão, sofreria um severo e violento preconceito religioso dentro da própria casa promovido por mim.

Minha paixão era o futebol e a escrita, no entanto, assim como não consegui sustentar minha carreira no futebol profissional por muito tempo, não imaginei que um dia me tornaria uma dramaturga. Em 2014, cheguei em Vitória, no estado do Espírito Santo, exclusivamente para trabalhar como missionária em uma base cristã underground. Em 2017 respondi a uma publicação no Facebook de um projeto chamado Elas Tramam, criado pela atriz, teatróloga, mestre em artes cênicas e diretora teatral Nieve Matos. O projeto foi aprovado pelo edital da Secretaria de Cultura do Espírito Santo (SECULT-ES), e buscava mulheres residentes no Espírito Santo para escrever dramaturgia. Fui selecionada entre as cinco primeiras bolsistas dentre 143 mulheres inscritas no estado. Publiquei duas dramaturgias pelo Elas Tramam (2017 e 2018). A primeira foi produzida em Ouro Preto no mais antigo teatro em funcionamento da América Latina, A Casa da Ópera. O recorte do texto foi tema de TCC de uma aluna da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Outros trechos das duas dramaturgias foram estudados e produzidos por alguns alunos da escola de teatro do Espírito Santo (FAFI). A segunda dramaturgia, “Colônia é aqui”, entrou recentemente em processo de

pesquisa para uma futura produção em Barbacena - MG, exatamente onde se passa a narrativa.

Dentre algumas experiências artísticas, atuei em projetos culturais financiados pela SECULT - ES, tanto como convidada, nos papéis de atriz e escritora, quanto como proponente de projeto. Também já estive ao lado de grandes atrizes e escritoras como Rejane Arruda e Bernadette Lyra, performando leituras dramáticas de trechos de seus livros em apresentações públicas e particulares. Coordenei intervenções urbanas artísticas; ministrei oficinas de “escrita catarse” para mulheres de 14 a 60 anos de idade; atuei no filme “Memórias de quintal”, produzido pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), ganhador da mostra competitiva de curtas latino-americanos (2021). Tenho duas poesias feministas gravadas em podcast no Spotify que fazem parte do projeto cultural chamado “Escute as manas”, dentre outras atuações performáticas. Participei de bate papos com estudantes do ensino médio da rede pública sobre o processo de criação de texto, e para alunos de teatro sobre processo de criação de cena e texto, e algumas entrevistas para emissoras locais sobre a importância da poesia na periferia. Atualmente, coordeno junto com outras três pessoas (uma mulher bi, uma mulher trans e uma sapatão não-binária), o projeto Elas +, aprovado na Secult - ES 2021/2022, que é uma ramificação do Elas Tramam que tem como objetivo selecionar mulheres lésbicas, mulheres bi, mulheres trans, travestis e não-binárie transfeminines para escrever dramaturgias e publicar um e-book ao final do projeto.

Eu sou uma mulher preta, lésbica, escritora, educadora social e performer. E também não sou nada disso. Quem eu era antes de ser? Eu sou uma pessoa que nem sempre se identificou com o gênero mulher; me encontro, hoje, no processo de reconhecimento do meu gênero fluido, queer; e escrever sempre me levou ao lugar sagrado onde posso ser todas que sou. A arte surge com o poder de nos libertar dos condicionamentos sociais, mas a escrita, a obra de arte, também é refém da linguagem e a linguagem não suporta a realidade. Ela a delimita. Escrevo, então, no limite da minha insana sede de existir para além da linguagem. Escrevo em busca da Fonte, do Nada, do Vazio, e o vazio é pleno. Deus é a plenitude do meu vazio.

Certamente, conscientes, ou não, interpretamos diariamente papéis sociais na rua, nos lares, no trabalho, nos templos, e somos, todos, dramaturgos e diretores de uma peça maior, de um cenário mais complexo e de um roteiro indefinido. E foi por causa disso que fui estudar teologia; para investigar o Grande Artista por trás dessa peça e desse roteiro indefinido. E de todos os erros que já cometi - que foram muitos - eu poderia dizer que estudar teologia foi o

maior. Bem, eu poderia, mas não direi, pois de todas as grandes decisões que tomei na vida que mudaram não só a minha, mas atingiram tantas outras pessoas, a decisão de entrar nessa faculdade para estudar sobre minha fé de uma maneira científica destruiu o meu símbolo maior de força, salvação e poder, e isso foi crucial. Todavia, apesar da desgraça e escuridão a que me condenou, a senda da desconstrução não foi capaz de tirar-me a poesia nem de cessar a hemorragia interna por respostas de perguntas que eu nem sei fazer. E, sobretudo, tal vereda não foi capaz de me tirar as palavras. As palavras... são elas que me sustentam desde aquela noite em que o bicho entrou, e que um dia descobri seu poder dentro de um livro preto carregado de narrativas mitológicas e mistagógicas sobre um povo e um Deus. São as palavras que me escrevem poesia ao Artista Desconhecido, talvez até inexistente; o inexistente Deus que me inspira! Sim, depois de perdê-lo, minha poesia se tornou mais sombria e solitária.

Antes de estudar teologia, Deus era Javé, o Deus absoluto para quem eu existia. Agora, Javé é só uma imagem, e Deus é Mistério. Te pergunto, então, há para o artista maior inspiração do que não saber nem por onde começar a desvendar o Mistério?

INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade, nós, sapiens, temos nos questionado a respeito de muitas coisas, uma delas, no entanto, vem intrigando há séculos o imaginário de estudiosos de diversos ramos do conhecimento, entre eles, a filosofia, a teologia, e até mesmo a arte: Deus. Quem, e como essa divindade é? Se é que é! E como atua? O que deseja? Onde estava antes de criar tudo? E sobretudo, como se relacionar com esse mistério? Há diversas respostas, mas, atualmente, receio que nem tantas perguntas mais como um dia já houve.

Ao contrário do que parece, este trabalho não pretende divagar infinitamente sobre isso, nem provar a existência ou a inexistência de Deus. Este artigo é sobre teologia, o Logos de Teo num Kairos. “Saber sobre Deus num contexto histórico-cultural”². Foi assim que Alessandro Rocha definiu teologia em seu livro. E para ele, o fazer teológico não deve se restringir apenas ao “penso, logo existo”³; precisa transcender a razão; e como Adriano Filho disse uma vez, “os discursos baseados apenas na racionalidade não conseguem captar o sagrado e suas manifestações”⁴. Portanto, é imprescindível um mergulho para além do que a linguagem consegue delimitar. Mas será que isso é possível? Será que a arte consegue dar conta dessa utopia metafísica? A arte alcança Deus? Ou ela é apenas mais uma ilusão do sagrado para nos ludibriar? Posso fazer teologia através da arte e sendo queer? É isso que este artigo pretende especificamente tratar.

Alessandro Rocha assegura que para fazer teologia é necessário abarcar nosso potencial subjetivo, vivência social e metodologia. O primeiro, em razão das nossas experiências nos construírem enquanto sujeitos; nosso horizonte de sentido condiciona o nosso olhar para a vida. O segundo, porque a fé é refletida na vida real e nas relações interpessoais. E o último, em razão do estudo ser feito dentro de um ambiente acadêmico.⁵ Em síntese, o estudo da teologia requer a pessoa em sua integralidade. Contudo, veremos a seguir que isso nem sempre foi levado a sério, pois, a sexualidade

² ROCHA, Alessandro. *Introdução a Teologia*. São Paulo: Reflexão; São Paulo, 2016. [n.p].

³ “*Cogito, ergo sum*” (tradução livre). ROCHA, 2016 *apud* Descartes, René. *Introdução a Teologia*. São Paulo: Reflexão; São Paulo, 2016. p. 14.

⁴ ADRIANO FILHO, José. *LIVROS*. Mensagem recebida por <pfanticheli@gmail.com> em 04 ago. 2017. Disponível em <https://mail.google.com/mail/u/1/?pli=1#search/jose+adriano/FMfcgxmVxqmFNDnzDGLvGKdHHdxB MWXr> Acesso em 29 abr. 2022. 1 e-mail.

⁵ ROCHA, 2016, p. 7.

fora do padrão heteronormativo jamais foi considerada como um lócus teológico. Althaus-Reid faz essa crítica em suas pesquisas, e estende às teologias da libertação, que apesar de romperem com a hermenêutica tradicional e expandirem o lócus teológico levando-o a cosmovisão dos pobres e oprimidos socialmente - um lugar sociopolítico-religioso marginalizado - ainda assim, ignoraram as particularidades de suas sexualidades.

“Há muitos anos, as teologias da libertação passaram a desconfiar de definições ideologicamente determinadas, tais como “o que é a teologia”, ou “quem é a teóloga?”. Tempo no qual os teólogos da libertação diziam que o teólogo era o operário, ou o mineiro tentando discernir a presença de Deus em uma comunidade oprimida política e economicamente. Na época, não lhes ocorreu que seria necessário demolir a ideologia sexual da teologia, e que os teólogos saíssem de seus armários e fundamentassem sua teologia em uma práxis viva de honestidade intelectual”.⁶

Há, pelo menos, três matrizes de pensamentos norteadores do tema em questão que Alessandro Rocha ressalta em seu livro: o pensamento experiencial, o pensamento confessional e o pensamento acadêmico.⁷ E a despeito de não ser o objetivo primário deste trabalho, eu pretendo fazê-los perceber, sutilmente, as características intrínsecas desses três pensamentos presentes no referido artigo. Vou me concentrar, inicialmente, na percepção de Pelikan sobre o lugar do teólogo na tradição cristã. Posteriormente, trarei a teologia de Althaus-Reid, que revira subversivamente esse armário hermenêutico onde os teólogos e teólogas residem, e escancara um horizonte divinamente obscuro de se pensar e fazer teologia. Portanto, após apresentar as respectivas teses dos referenciais teóricos supracitados que dirão, de acordo com o seu tempo e lugar, quem é a teóloga e o teólogo, expressarei através das minhas obras, que a arte também pode fazer teologia em diálogo com o pensamento acadêmico, visto que os textos de minha autoria que serão analisados, põe em perspectiva o “Logos de Téo num Kairós” nas vertentes sociopolítica e sexual, ou seja, uma teologia que vai da mente racional até o corpo, e um corpo queer.

Contudo, como dito outrora, essa proposta nem sempre foi possível. Pelikan, na introdução do primeiro volume da série de cinco livros sobre a tradição cristã, se propõe a descrever o surgimento da doutrina cristã, e ele define doutrina como sendo tudo aquilo que a igreja crê, ensina e confessa com base na palavra de Deus⁸, e o responsável

⁶ ALTHAUS-REID, Marcella. *Deus Queer*. Rio de Janeiro: Metanoia; Novos Diálogos, 2019. p. 19.

⁷ ROCHA, 2016, p. 30.

⁸ PELIKAN, Jaroslav, 2014. *A Tradição Cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina: o surgimento da tradição católica 100 - 600*. São Paulo: Shedd, 2014. [n.p].

em preservar e defender essa doutrina era o teólogo. De imediato percebemos o caminho unilateral que o teólogo tinha que trilhar. Já nos primeiros séculos, os pensadores cristãos tinham duas tarefas em relação à doutrina cristã: tornar conhecida a palavra de Cristo e o ministério dele; e apontar para os hábitos corretos⁹. Observamos estes dois horizontes em relação a doutrina cristã se repetirem no antigo e novo testamento, que são divididos respectivamente em conhecimento e ensino, e confissão e conduta, ou seja, tanto teologia quanto ética.¹⁰ Portanto, entendemos que a doutrina cristã pode ser categorizada nessas duas ramificações do conhecimento do sagrado e da conduta moral.

À vista disso, é primordial, então, entendermos quando o teólogo passou a ser esse grande responsável e defensor da doutrina. Antes do ofício do teólogo ser legitimado no quarto concílio de latrão¹¹, homens e mulheres cristãos já faziam teologia, mas foi somente a partir desse concílio que a teologia foi reconhecida e validada. E foi exatamente nesse momento que as mulheres foram excluídas dessa categorização, pois nenhum de seus escritos e pensamentos foram incluídos como sendo de interesse da igreja. Portanto, quando Pelikan cita a frase de Orígenes que diz que a diferença entre um teólogo e um filósofo é que o teólogo “é o homem da igreja e um porta-voz para a comunidade cristã”¹²; o termo “homem” aqui não refere à humanidade, mas ao ser humano do sexo masculino, cisgênero e heterossexual. Logo, o fazer teológico era ter homens legitimando a doutrina, representando a igreja e combatendo os hereges do seu tempo. Conseqüentemente, este lócus é absolutamente masculino e heteronormativo, além de comprometido com a igreja e profundamente apologético; e segundo Pelikan, a doutrina é o negócio da igreja¹³.

Fica explícito, portanto, que a doutrina é falocêntrica. Não obstante, o “homem-teólogo” tinha obrigações intelectuais inflexíveis com a igreja, pois ainda que ele tivesse suas reflexões peculiares, e, até mesmo críticas contra os ensinamentos da igreja em sua época, ele tinha que reprimir essas concepções, pois seu dever era prestar contas ao depositário da revelação cristã e a autoridade contínua da igreja.¹⁴ Logo, suas

⁹ PELIKAN, 2014, p. 26.

¹⁰ PELIKAN, 2014, [n.p].

¹¹SILVA, Andréia C.L.F. Memória e Prática Sacramental em La Rioja Medieval. Revista Cultura Teológica, Rio de Janeiro, v. XI, n. 42, p. 39, jan/mar 2003.

¹²PELIKAN, Jaroslav, 2014 *apud* ORÍGENES, Alexandria. A Tradição Cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina. São Paulo: Shedd, 2014, p. 27.

¹³ PELIKAN, 2014, p. 27.

¹⁴ PELIKAN, 2014, p. 27.

análises pessoais deveriam estar alinhadas no contexto do desenvolvimento do que a igreja acredita, ensina e confessa, deste modo, ele não podia manifestar publicamente suas próprias teorias. Fazer teologia nos primeiros séculos da era cristã era submeter o pensamento e a consciência àquela que se colocava como soberana dona da revelação, a igreja.

1 TEOLOGIA TRADICIONAL POR PELIKAN

Os escritos dos teólogos eram fontes essenciais para a história da teologia, e como porta-vozes, esperava-se que seus livros possuísem maiores informações sobre o desenvolvimento da doutrina.¹⁵ Tal teologia é estritamente confessional e toda confissão advém de um contexto. Pelikan diz que cada estilo de vida deixa sua marca no trabalho descritivo do teólogo e, também, na maneira como a doutrina continuou a ser desenvolvida de um lado para o outro entre crença, ensino e confissão.¹⁶ E como não é possível isentar o ser humano de receber influência de seu horizonte de sentido, é natural que os elementos simbólicos desse horizonte e suas experiências permeiam sua produção literária. E mesmo Pelikan ressaltando que “a história da doutrina não deve ser igualada a história da teologia”¹⁷, é fundamental observar como a função do teólogo foi evoluindo ao passar dos anos - o que, obviamente, influenciou no desenvolvimento da doutrina:

“Um sinal vívido dessa mudança ao longo dos séculos é a evolução da vocação do teólogo. Durante os anos 100 a 600, a maioria dos teólogos eram bispos; do ano 600 a 1.500, no ocidente, eles eram monges; desde 1500, passaram a ser professores universitários. Gregório I, morto em 604, era um bispo que tinha sido monge; Martinho Lutero, morto em 1546, foi um monge que se tornou professor universitário”.¹⁸

Sintetizando, Pelikan declara que o fazer teológico possuía a finalidade de defender a doutrina da igreja, preservá-la, e proclamar o que a igreja queria à sua comunidade, combatendo quaisquer outros pensamentos que divergiam. E, enquanto para Orígenes, o teólogo era o homem da igreja, para Althaus-Reid, há teólogas e teólogos em bares gays: “ninguém pensou em fazer teologia em bares gays, embora bares gays estejam cheios de teólogos”¹⁹. O que ela quis dizer com isso? De que modo

¹⁵ PELIKAN, 2014, p. 29.

¹⁶ PELIKAN, 2014, p. 28.

¹⁷ PELIKAN, 2014, p. 27.

¹⁸ PELIKAN, 2014, p. 28.

¹⁹ ALTHAUS-REID, 2019, p. 19.

bares gays abrigam teólogas e teólogos e por que lá seria um lócus teológico? Como uma afirmação tão apologética que desenhou uma importante parte da história do Ocidente - como dizer que o teólogo é o homem da igreja, mensageiro da comunidade, defensor da doutrina cristã -, cuja crença fundante serviu sistematizadamente como cabresto sociopolítico, e que se estabeleceu na relação de poder e dominação dos corpos - em especial corpos femininos e afeminados - será, agora, analisada, simultaneamente, com uma outra afirmação completamente indecente de que há teólogas e teólogos em bares gays? Logo em bares gays? Acreditariamos - e até seria mais suportável - se ela dissesse que há teólogos em bares héteros lotados de homens assistindo futebol, bebendo cerveja e assediando mulheres. Potentes machos alfas, cheios do poder fálico divino, propensos à salvação suprema. Mas, em bares gays, Marcella? Logo as bichas e as sapatões, os pecadores mais abomináveis e repudiados pela igreja? E, como ainda, a referida análise pode ser feita por uma bacharelada queer, poeta, sapatão em processo de reconhecimento de gênero fluido, não binária? Isto é decente? É o que vamos descobrir em Althaus-Reid.

2 TEOLOGIA QUEER POR MARCELLA ALTHAUS-REID

Althaus-Reid era teóloga da libertação feminista e queer cuja hermenêutica indecente e libertina inaugura um lugar imprescindível na história da teologia. O termo indecente de sua teologia subverte a ordem e o fluxo "nor(mal)" das hermenêuticas tradicionais. Nas palavras de Genilma Boehler:

“Althaus-Reid propõe uma teologia feminista e queer e explica, utilizando-se do método hermenêutico da suspeita sexual, cuja capacidade de subverter os códigos teológicos, religiosos a partir do resgate da imagem de Deus – desde os códigos sexuais, do pulsar da vida, dos desejos e da naturalidade do cotidiano – é condição da teologia indecente”²⁰.

Como mencionado anteriormente, a proposta deste artigo é possibilitar um diálogo entre a hermenêutica indecente de Althaus-Reid com os trechos poéticos-eróticos-religiosos das obras de minha autoria, entretanto, essa confluência só será possível se tirarmos Deus do armário. Althaus-Reid traz esse conceito excepcional sobre libertar e escancarar Deus, tirando-o da poeira envernizada do armário da hermenêutica cristã tradicional:

²⁰ BOEHLER, Genilma. *O erótico em Adélia Prado e Marcella Althaus-Reid*. Uma proposta de diálogo entre Poesia e Teologia. Tese (Doutorado em Teologia) - Escola Superior de Teologia, Faculdade EST, São Leopoldo, 2010. p. 125.

“Deus Queer é um livro sobre a redescoberta de Deus fora da ideologia heterossexual que tem prevalecido na história do cristianismo e da teologia. Para tal, é necessário facilitarmos a saída de Deus do armário através de um processo de queerização teológica. Por queerização teológica entende-se o questionamento deliberado da experiência e pensamento heterossexuais que têm moldado nossa compreensão da teologia, do papel do teólogo e da hermenêutica”.²¹

Ana Freire, em sua resenha do livro Deus Queer, comenta sobre a queerização teológica de forma a nos conduzir a um entendimento amplo do conceito de Althaus-Reid:

“... A queerização teológica questiona a imposição da heterossexualidade como único caminho de compreensão de Deus. Sua crítica não é em relação à heterossexualidade em si, mas de sua construção hegemônica. Queerizar é um neologismo criado a partir do termo queer, que significa estranho e é usado como termo guarda-chuva para se referir às dissidentes sexuais e de gênero. Queerizar é, então, tornar algo queer, subvertendo sua lógica”.²²

Subverter uma lógica dominante tão poderosa na teologia e na sociedade no geral, como a hegemônica construção heteronormativa que estabeleceu regras e modelos relacionais - tanto interpessoais quanto na relação sujeito versus sagrado -, foi crucial para abrir novos horizontes de ressignificação desse deus que sempre esteve à mercê de metodologias que possuíam um discurso único sobre a verdade, verdade esta declarada por teólogos heterossexuais. O perigo desses discursos é que eles se fortalecem em detrimento dos discursos pluralizados, pois, os mesmos, ameaçam suas convicções.²³ O discurso único é uma potente ferramenta utilizada estrategicamente para manipulação das massas através do exercício do poder e do controle sobre os corpos e as subjetividades; e na história da humanidade, não há nada mais soberano do que o mito,²⁴ o arquétipo Deus, usado como um instrumento psicoespiritual poderoso para manipular as consciências.

Por isso, a queerização teológica é fundamental nesse momento da história, pois soa como uma ruptura a nível de João 8:32; e é a partir dessa liberdade - Althaus-Reid dirá - “que não apenas redescobriremos a face do Deus Queer, mas também questionaremos nosso relacionamento com Deus e veremos emergir novas reflexões sobre santidade e sobre cristianismo”²⁵. É claro que alguns podem questionar que a

²¹ ALTHAUS-REID, 2019, p. 19.

²² FREIRE, Ana Ester, P. ALTHAUS-REID, Marcella. Deus Queer. Horizonte, Belo Horizonte, v. 18, n. 56, p. 897-902, maio/ago. 2020.

²³ ROCHA, 2016, p. 126.

²⁴ HARARI, Yuval Noah. Sapiens: Uma breve história da humanidade. 4.ed. Porto Alegre: L&M Pocket, 2018, p.47.

²⁵ ALTHAUS-REID, 2019, p. 19.

mudança do círculo hermenêutico muda apenas a lente, a posição em que estamos, todavia, nos mantém dentro da caixinha, ou seja, permanecemos identificados ao mito. Bem, sim, eu concordo, porém, é inegável a diferença significativa entre ser manipulado sem ter a consciência que se é, ou sem a capacidade de discernir quem ou aquilo que manipula; e ser manipulado podendo distinguir as cordas invisíveis que nos movem enquanto sociedade sendo possível, até cortá-las.

Dito isto, considero pertinente ressaltar que estou trabalhando com a ideia clara de existência de Deus e de monoteísmo, e defendo teologicamente que um único Deus pode ser capturado pela linguagem de diversas culturas e gerações. Defino, então, que tirar Deus do armário através da queerização teológica, é expandir a hermenêutica de um Deus polissêmico. Ou negaremos a diversidade de Deus? Contemplem as nações, as culturas, as tribos. Isso também não é Deus? Não vem Dele? Você realmente acha que Deus é norte americano ou europeu, branco, usando terno e gravata fazendo sexo papai e mamãe, homem e mulher? Deus pode ser europeu, branco, gozando papai e mamãe, homem e mulher, mas Deus também é o movimento e a expressão preta, parda, quente e nua explorando cada parte da pele latina e suada de homens com os seus homens e de mulheres com as suas mulheres.

Tirar Deus do armário, portanto, é libertá-lo da teologia colonialista e arrancá-lo das mãos de seus conquistadores. Agora, claro, que se estou falando de um Deus capturável, não estou falando do transcendente inverificável. Deus é inconquistável, todavia, o Deus que se apresenta na nossa cultura judaico-cristã é escravo e completamente sodomizado pela nossa hermenêutica tradicional. E a tradição é branca e fállica; enquanto eu sou latina, queer e ardente por vulva - Deus queerizou Deus.

Em razão disso, não posso fazer teologia? Sim, Deus Queer responderá. Podemos fazer teologia. Teólogas queer são desviantes, libertinas e possuem muitos passaportes.²⁶ Outrora se ajoelharam perante o falo da igreja e da teologia heterossexual, mas ergueram-se e assumiram o que são: dissidentes sexuais vivendo no exílio do céu cristão heteronormativo. Podemos fazer teologia a partir dos nossos corpos e experiências, e também, a partir da academia e da confissão. Mas qual confissão? A de que amamos outras mulheres, quer sejam cis, lésbicas, héteros ou trans? E que amamos

²⁶ ALTHAUS-REID, 2019, [n.p].

também nossas irmãs de fé, ainda que estejam caminhando em direção oposta ajoelhadas perante o falo da teologia heterossexual, completamente comprometidas com a colonialização dos corpos e até mesmo disseminando a praga da reversão sexual? E a tradição cristã? E Deus, senhoras e senhores acadêmicos? Onde fica Deus nessa dança interpretativa cheia de cosmovisão? Em tratando-se da sexualidade, Deus tem permanecido até agora trancafiado no armário da teologia heteronormativa branca ocidental: “se Deus fosse algum dia sair do confinamento de Deus, aquele seria o momento de confronto no encontro entre Deus e o Deus dos outros. Todavia, isso nunca aconteceu e Deus se tornou o mestre da orgia da trindade”²⁷.

Portanto, minha intenção neste trabalho é mostrar como é possível libertá-lo. E através da arte, a minha poesia pode libertar Deus. Pelo menos no meu corpo, Deus será livre e poderá dançar juntamente com os corpos latinos de minhas irmãs que gozam comigo, e, como tatuagem sagrada, o Santíssimo e as vulvas queer serão um só. Finalizo com Ana Freire:

“A queerização teológica implica em deslocar a leitura da Bíblia para outros autores e autoras, por meio de um “círculo hermenêutico libertino”. Para tanto, ela usa três obras-chave para aplicação de seu método: “Roberte ce soir”, de Pierre Klossowski, “Madame Edwarda”, de Georges Bataille, e “Filosofia na alcova”, do Marquês de Sade”.²⁸

Acrescento à lista acima as minhas obras, que a partir de agora, vos apresentarei.

3 A EXPRESSÃO POÉTICA-ERÓTICA-TEOLÓGICA POR PRISCILLA GOMES

Na introdução do seu livro Deus Queer, Althaus-Reid nos convida a conhecer um bar de salsa. Ela garante que lá ninguém nos perguntará por nossa fé, assim como na igreja ninguém nos pergunta pelos nossos afetos. Althaus-Reid nos provoca, então, a entrar em contato com o sentimento de solidão e desamor que muitas vezes nos tomam após a missa ou o culto de domingo. E por conta dessa solidão e do desejo de encontrar um amor, aceitamos acompanhá-la ao bar de salsa, onde conheceremos uma latina que poderíamos passar a amar. E então, nos perguntaríamos como a vida passaria a ser depois disso.²⁹

²⁷ ALTHAUS-REID, 2019, p. 63.

²⁸ FREIRE, 2020, p. 898.

²⁹ ALTHAUS-REID, 2019, p. 18.

Sobre isto, nós, pessoas cristãs e queer, possuímos uma memória viva de outrora, quando após recebermos a benção dominical, caminhávamos solitariamente para a casa carregando o livro preto na mão ou os rosários e santinhos nos bolsos. Também sentíamos vontade de passar rapidinho na porta de algum bar gay, mas, era só mais um pensamento abominável que logo repreendíamos. O que fazíamos, então, era observar os velhos e jovens casais heterossexuais despedirem-se e retornarem para seus lares após rezarem e louvarem juntos. Imaginávamos que, provavelmente, alguns iriam à pizzeria com um grupo de irmãos; outros, tomariam sopa no aconchego de suas casas comentando sobre a homilia maravilhosa daquela noite. Bom, talvez. Eu não sei. O que sabíamos, de fato, era que os casais se sentiam felizes e orgulhosos por amarem a Deus e terem uns aos outros. Todavia, nós, não. Sabíamos que amávamos a Deus, mas não existia uma igual para amarmos. Após o ritual sagrado, retornávamos para casa onde tínhamos à nossa espera nosso bicho de estimação e/ou a velha TV. Famintas, até cogitávamos em parar antes na barraquinha de churrasco, mas, já era tarde, e quanto mais tempo passássemos na rua com aquele sentimento de solidão nos assolando, mais risco correríamos de sermos tentadas pelo demônio do "homossexualismo". Evitávamos, da mesma forma, passar por determinados caminhos para não acontecer de encontrarmos velhos amigos e amigas de balada gay que, desde a conversão, passamos a evitar. E, assim, de domingo a domingo, ano após anos, rezávamos e louvávamos solitárias; e na caverna do nosso ser, escondíamos do mundo aquela que não podíamos amar. Insones e perturbadas pela culpa, costumávamos levantar de madrugada, e com os lábios molhados de lágrimas murmurando o chão, clamávamos pela libertação daquele afeto. Até que um dia, nos demos conta que não havia ninguém nos ouvindo, porque não havia ninguém nos condenando, a não ser, a velha e empoeirada teologia heterossexual. Foi quando, como uma brisa, escutamos Vega e Althaus-Reid sussurrarem: "perdoa-me por amá-la como lhe amo. Mas também precisamos de perdão por amarmos a Deus também"³⁰.

Onde estão minhas irmãs latinas
Ainda rezando para a Virgem Maria
Rosários, Novenas, Promessas, despojos
Ave Maria puríssima!
Perdoe-me por amá-la
Como lhe amo³¹

³⁰ ALTHAUS-REID, 2019, p. 18.

³¹ ALTHAUS-REID, Marcella, 2019 *apud* VEGA, Brunilda. Deus Queer. Rio de Janeiro: Metanoia; Novos Diálogos, 2019. [n.p].

Perdoadas, por fim, aprendemos a recitar nossa própria poesia, nossa própria reza à puríssima Ave Maria, a Deus, e àquelas que amamos:

“O sino das 18 horas bateu na catedral de frente ao consultório dela. Humanos com vozes de anjos começaram a cantar solenemente a Ave Maria. Eu chego. Ela está recostada no divã das lamentações completamente nua e aberta pra mim. Eu caio de joelhos aos seus pés e começo a rezar com a boca dentro da sua vulva quente - quente como o inferno deve ser. Como uma loba faminta buscando redenção, eu me demoro na reza santa. Quanto mais intensifico minha prece, mais ela se agrada do meu clamor. Falo em línguas estranhas dançando com ela dentro do seu templo negro... que eu tanto venero. E penetro minhas mãos com fervor buscando alcançar o líquido que me dará a santificação. Por fim, quando, por misericórdia, seu corpo anuncia que vai gozar, eu preparo minha boca para receber a bênção. E, então, sussurro: "e não me deixes cair em tentação, mas livrai-me de mim, amém. Não há nada mais profano que amar uma mulher. E nada mais sagrado que possuí-la".³²

Os lábios que, outrora, beijavam o chão em fervoroso clamor, agora beijam as vulvas santas de Deus - um Deus Queer.

3.1 As duas teologias: Deus, o Pai abusador. Deus, a Mãe de salto alto.

Como mencionado outrora, Althaus-Reid declarou que a queerização teológica nos permitiria questionar nosso relacionamento com Deus. Interessante e oportuno, pois tal relacionamento com o divino tende a ser ramificado em diversas categorias: pai e filha, senhor e serva, deus e devota, rei e súdita, guerreiro e soldado. No entanto, em todas elas, o sagrado é representado no arquétipo masculino. Neste tópico, vou me deter ao símbolo de Deus como pai e ao símbolo de Deus como mãe com o intuito de dialogar com as teologias exploradas anteriormente por Pelikan e Althaus-Reid. O trecho a seguir da dramaturgia “Dá a mão pro bicho não entrar”, nos conduzirá:

“[...] Ela não sabia dizer se ele a tocou por alguns minutos ou uma eternidade. Ela torcia para aquilo acabar logo. Não conseguia imaginar um príncipe chegando a cavalo, nem a mulher de salto entrando para salvá-la. Ela só queria que acabasse logo. Estava confusa. Não sabia o que sentia mais forte: dor - em alguma parte que não era corpo - medo ou solidão. Sentiu medo, mas muito mais solidão. (pausa) A sala desapareceu. O tempo parou. Durava infinitamente. Dizem que o infinito é Deus. Mas ela não conhecia o deus Cronos daquela dor. Quando de repente, um vazio profundo a tomou. Um nada a encheu. A menina se ausentou dali. Partiu, foi embora, não sabia pra

³² COSTA, Priscilla Gomes. *Profana*, [Locução de]: Priscilla Gomes da Costa. [S. l]: Audible Studio, [s.d.]. 1min34s [Audio livro]. Podcast. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/5esUqdcMACY7swPyqn6D5w?si=pLv4P3W6ROSZ7RuoRihqbw&utm_source=whatsapp&nd=1. Acesso em: 09 mai.2022.

onde, só sabia que tinha ido pra um lugar distante. Inalcançável. (respiro) Ela foi embora de si. (respiro)...”³³

Um pai, dois corpos, um lugar subjetivo e uma teologia. O tempo parece ser o âmago do recorte em questão. Havia pressa, mas havia desconhecimento quanto à temporalidade. Havia ânsia pelo fim, mas havia ausência de discernimento do que era minuto-eternidade; o infinito passou a ser sinônimo para Deus; havia confusão quanto ao corpo e os sentidos; e Deus se chamava Cronos. Definitivamente, o tempo é a cerne. E para suportar a relatividade dimensional do tempo em que durava o abuso, a criança se ausentou do seu corpo que habitava um lugar subjetivo. Uma teologia foi construída nesse momento, mas ainda não existia círculo hermenêutico possível para decifrá-la. “A menina todo dia deitava com a cara no chão olhando por debaixo do sofá esperando o momento da porta se abrir e um par de salto alto entrar”.³⁴ Novamente, o tempo aparece na narrativa acentuando a espera da personagem, mas agora, a ânsia não está no desejo pelo fim da presença do corpo do Deus-Pai, mas no desejo - tão forte e insubstituível como a maternagem primária - da chegada da presença do corpo da Deus-Mãe. “Ela não tinha intimidade com aqueles saltos, mas tinha saudade deles [...]”³⁵. “É Deus que está chegando? Espero que sim”³⁶.

A pergunta de McGeoch sobre ser Deus a mulher de salto alto de quem a menina era saudosa - pessoalmente, como a autora da frase indagada - posso dizer que foi uma das suposições mais lindas que alguém já sugeriu. Esse corpo de nove anos foi violado pelo Deus Pai, que representa a teologia tradicional heteronormativa carregada de violências simbólicas e silenciosas praticadas no santíssimo atrás da cortina do padre, no gabinete ou no púlpito do pastor. No decorrer do ato, aquele corpo por um bom tempo - infinito e imensurável - aguardou Deus chegar, o Deus de salto alto. Todavia, ele nunca veio; estava trancafiado no armário da tradição cristã, até Althaus-Reid libertá-lo sugerindo um círculo hermenêutico possível para que todos os corpos violados e/ou queer pudessem fazer teologia. E conforme o trecho abaixo nos revela,

³³ COSTA, Priscilla Gomes. *Dá a mão pro bicho não entrar*. Vitória: ELAS TRAMAM, 2017. *E-book*.

³⁴ COSTA, 2017, p. 33.

³⁵ COSTA, 2017, p. 33.

³⁶ MCGEOCH, Graham. *DÁ A MÃO PRO BICHO NÃO ENTRAR*. Mensagem recebida por <pfanticheli@gmail.com> em 22 abr. 2020. Disponível em: <https://mail.google.com/mail/u/1/?pli=1#search/da+a+mao/QgrcJHsThhLkGFxmNDlnVzqgpCshDVCscMg>

Acesso em 30 abr. 2022. 1 e-mail.

um corpo inquieto e libertino precisa de uma hermenêutica libertina para redescobrir Deus.

“Sou só uma menina. Acho que não sei quem sou. Posso ser muitas coisas. Mas nada me atrai a ser. (pausa). Sei que estou assim por Tua causa. Você era meu Porto Seguro, mas eu não me ancorava em Ti. (pausa). Sempre busquei a inquietude. E ela sempre me perseguiu. Ao olhar pro meu vazio, vi que pertenço a ele. Sou vazia. Estou doente. Onde é a porta de saída da minha mente?”³⁷

A inquietude no espírito da personagem era por amar e depender de um Deus abusador. A teologia tradicional impossibilitava a redenção de sua mente limítrofe. Por consequência, apesar de tê-lo como porto seguro, ela não podia, nele, se ancorar. Ao olhar no espelho, não via nele o reflexo do Deus da tradição cristã, macho e heterossexual. A personagem era rotulada de não ter identidade e sua essência foi construída no não pertencimento:

“...Vozes uníssonas – Você é menino ou menina? Você é filha da sua mãe? Você é filha do seu pai? Você é filha da sua madrinha? A quem você pertence?
Menina (com raiva, prepotentemente) – Eu pertenço à rua; ao futebol; à cachaça - bebo de segunda a sexta - Tenho 11 anos [...]”.

Esse corpo vazio e febril, de agora 11 anos - que foi embora de si enquanto aguardava o Deus de salto alto chegar - é um corpo que não tem horizonte, nem cais, nem identidade. Ele está sempre em movimento, mas nunca chega. Não se sabe quem o gerou e ninguém o cria. Ele está em construção, mas sempre estará inacabado. É um corpo sem destino e sem ventre. Um corpo que pertence à rua, desviante e ébrio. É um corpo queer e por isso pode fazer teologia, posto que vive no limite entre a loucura e a razão; não possui gênero definido e flerta com o abismo. Ana Freire vai citar Althaus-Reid e complementar que:

“A teologia pode ver sangue no vinho, mas não sangue no sangue”. Isso implica em trazer o corpo e todos seus fluidos e viscosidades para a teologia. Althaus-Reid fala em uma kenosis dos teólogos e das teólogas como em uma metáfora de saída, de exílio. São corpos nômades, “desequilibrados, excitáveis e incorrigíveis”, que andam pelas fronteiras, indicando que a Teologia Queer não é somente uma teologia a partir do corpo, mas a partir do corpo em viagem, ou seja, uma teologia inacabada, que fala de um Deus inacabado, fronteiro, fluido, que se manifesta na orgia da Trindade”.³⁸

A teologia que escolhe ver sangue no vinho, mas não o sangue no sangue que está presente nas vísceras humanas, invalida o próprio sangue das vísceras daquele que

³⁷ COSTA, 2017, p. 48.

³⁸ FREIRE, 2020, p.899.

ela confessa crer - que pendurado - teve sua carne exposta como peça de açougue em um espetáculo político-religioso. Todavia, uma teologia que traz o corpo com todos os seus fluidos e viscosidades é uma teologia como esta que vos apresento: acadêmica, poética e visceral, onde a narrativa analisada apresenta uma personagem de corpo violado que carrega as cicatrizes e o estranhamento em seu ser - que é do avesso - entretanto, redescobriu, na arte, um Deus para crer e fazer teologia, pois é um Deus que com ela se assemelha: “Onde está Deus? Deus está pendurada - como disse Bonhoeffer, sofrendo, abusada...”³⁹. Logo, é um Deus que nunca deixou de sangrar.

Esta foi a teologia construída na narrativa do abuso, uma teologia feita no exílio, na saída de uma hermenêutica tradicional para uma hermenêutica queer. Decerto, a personagem tornou-se uma dissidente, mas também, tornou-se uma teóloga, pois, finalmente, a mulher de salto alto chegou.

3.2 Os corpos queer

Jesus, o filho que faz parte do tradicional conceito de trindade, ensinou a orar o pai nosso no evangelho de Mateus.⁴⁰ O nome da oração é explícita, mas será que a teologia heteronormativa levou essa afirmação e significado a sério ao longo dos tempos? A teologia tradicional era apologética em relação à doutrina, e como vimos, a doutrina era o negócio da igreja, e como sabemos, a igreja queimava os corpos queer. A personagem criança da dramaturgia referenciada possuía fantasias de orgias com travestis e assim, colecionava em seu imaginário, possibilidades infindas de prazer. Será que essa criança “a quem pertence o reino dos céus”⁴¹, poderia orar chamando Deus de pai meu? Pai nosso? Era pai das travestis também?

“...Voz 2 – Lembra das fantasias com as travestis? Você comia todas elas. Tão novinha e fudia as travestis.
Menina – Eu não fudia. Eu as amava. Era brincadeira de criança. Eu não tinha nem 10 anos! Eu brincava de imaginar. Eu amava as travestis. Elas eram como eu [...]”⁴²

³⁹ MCGEOCH, Graham. *DÁ A MÃO PRO BICHO NÃO ENTRAR*. Mensagem recebida por <pfanticheli@gmail.com> em 22. abr. 2020. Disponível em: <https://mail.google.com/mail/u/1/?pli=1#search/da+a+mao/QgrcJHsThhLkGFxmNDlnVzqgpCshDVCscMg>. Acesso em: 30. abr. 2022. 1 e-mail.

⁴⁰ BÍBLIA de Jerusalém: Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

⁴¹ BÍBLIA de Jerusalém: Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

⁴² COSTA, 2017, p. 40.

Existia Deus para as travestis na teologia tradicional? Há Deus para quem se traveste de um gênero diferente ao que lhe foi imposto ao nascer? Há Deus, ao menos, para quem ama as pessoas trans? O perigo da heteronormatividade, também, no campo teológico, é que ela define o gênero de Deus e a relação que se estabelece com ele, excluindo, assim, do privilégio identitário divino, os dissidentes sexuais. Veja Lilith, por exemplo, que, de acordo com a narrativa, ao invés de aceitar, silenciosamente, ficar por baixo na relação sexual, exigiu cavalgar sobre o pênis de Adão. Adão, representando a sempre existente masculinidade frágil, foi reclamar com Javé - que como um bom Deus criado por homens que temiam o desconhecido - tomou partido dele. Conclusão: Lilith voou do paraíso e passou a vagar no deserto.⁴³

“[...] - Salve Lilith, a primeira esposa, vagando no deserto, se fez uma só carne com o demônio. Cobra traiçoeira! - Salve virgem Maria, minha redenção, donde vem meu Messias. - Tu não és virgem. És mais rodada que maçaneta (gargalhada debochada). - Salve as putas! Todas as putas. Capitu, Raabe, Madalena, Hilda Furacão. - Salve as bichas, todas as bichas, Madame Satã... Teu filho invertido [...] - Quem é você? Diga! Quem tu és? [...]”⁴⁴

Todas as personagens supracitadas não poderiam recorrer ao “pai nosso” na teologia tradicional, logo, não seriam filhos e filhas, portanto, sem identidade. “Quem é você, diga, quem tu és?”⁴⁵. Antigamente, um dos termos para rotular homossexuais era a palavra invertido.⁴⁶ “Madame Satã teu filho invertido”⁴⁷. Neste trecho estou confrontando o espelho que reflete indiretamente a imagem da mãe, e comparo o irmão, também homossexual, com a Madame Satã, “o filho invertido”. Logo, a mãe carregou dois invertidos dentro dela, meu irmão e eu. A mãe tem um ventre queer. Althaus-Reid nos convida com a sua teologia a vislumbrarmos o ventre invertido de Deus e suas mamas divinamente libertinas. Foi desse ventre que nasceram todas as filhas e filhos queer; as prostitutas Raabe e Madalena, e também Lilith, a primeira dissidente sexual.

De mulheres dissidentes sexuais, temos desde o mito Lilith, até as vendedoras de limões de Althaus-Reid; mulheres pobres, indígenas e pretas que vendiam limões pelas ruas de Buenos Aires; mulheres sexuadas, que não obstante, foram esquecidas pelas teologias da libertação. Como mencionei no início, Althaus-Reid sendo uma teóloga da libertação feminista e queer, faz uma crítica a teologia da libertação por não abarcar a

⁴³ HURWITZ, Siegmund. *Lilith A Primeira Eva: aspectos históricos e psicológicos do elemento sombrio feminino*. 2.a. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. p. 158.

⁴⁴ COSTA, 2017, p. 36.

⁴⁵ COSTA, 2017, p. 36.

⁴⁶ VIEIRA, Luciana L. F. As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana. *Revista Mal Estar e Subjetividades*. Fortaleza, v.9 n.2, jun. 2009.

⁴⁷ COSTA, 2017, p. 36.

sexualidade dos pobres - principalmente das mulheres - como sendo foco de discussão e lugar teológico. Através de um recorte de gênero, étnico e de classe, Althaus-Reid ressalta a importância do deslocamento do locus teológico para que mulheres sexuadas, queer e/ou não, também pudessem fazer teologia. Em seu livro “Teologia Indecente”, Althaus-Reid nos apresenta, por meio de uma metáfora intrigante as vendedoras de limões, e faz uma provocação pertinente sobre o lugar dessas mulheres e sua relação com suas sexualidades e o sagrado:

Deve a mulher usar calcinhas ou não? Deve tirá-las, digamos, quando decide ir à igreja, como lembrança do mais íntimo da sua sexualidade na sua relação com Deus? Qual é a diferença se a mulher vende limões e, assim, se os vende a você na rua, sem a roupa interior? Mas qual é a diferença se assim se senta para escrever teologia? [tradução própria]⁴⁸

Podemos expandir o significado e o significante dessa metáfora a mulheres de diversos lugares, profissões e gênero, que assim como as vendedoras de limões, tem sua sexualidade como alvo de questionamento e aferidor de sua capacidade acadêmica, teológica, e também, do seu direito de ir e vir, ser e ocupar. A exemplo disto, uma noite, após a aula de ética, um colega de sala negro como eu, reserva da marinha, grande e forte questionou o que uma mulher lésbica, feminista e não religiosa estava fazendo na faculdade de teologia:

“Mulher! Preta! Lésbica! Mas que afronta!!! Aonde ela pensa que vai? O que ela está fazendo aqui? - Vim buscar conhecimento, meu patrão. A senzala vai subir. Quem invocar o nome do Senhor será salvo! Se contextualizar, da revolução. Não pela salvação. Mas pela independência. Posso, eu, clamar. Não preciso pagar tributo. Não preciso da sua interferência. Nem dependo do seu poder fálico. Eu existo e vou ocupar [...]”⁴⁹

O discurso violento intrínseco na pergunta do futuro teólogo e militar reformado, nos leva a refletir sobre a audácia que eles têm de tentar colonizar não só o nosso corpo, mas também a nossa intelectualidade a ponto de questionar se uma mulher

⁴⁸ ALTHAUS-REID, Marcella. *La Teología Indecente: perversiones teológicas em sexo, género y política*. Barcelona: Bellaterra, 2005, p. 11, cuja versão original es: “Debe la mujer llevar bragas en la calle o no? Debe quitárselas, digamos, cuando decide acudir a la iglesia, como recordatorio más íntimo de su sexualidad en relación con Dios? Cuál es la diferencia si la mujer vende limones y, así, se los vende a usted en la calle, desprovista de ropa interior? Mas cuál es la diferencia si así se sienta a escribir teología?”

⁴⁹ COSTA, Priscilla Gomes da. *Teologia Feminista Lésbica Preta da Libertação*. apud ULRICH, Claudete Beise. *Teologia Feminista da Libertação e Queer: uma contribuição para as resistências e às existências*. In: PEDRO, Joana M. ZANDONÁ, Jair. (Orgs). *Feminismos & Democracia*. Belo Horizonte. Fino Traço. 2019. p.118-119 E-book. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1TswawTkG8rZduczjkY6oTbhZN2K5aw6K/view>. Acesso em: 17 maio 2022.

queer e feminista que se deita com outras mulheres, pode, ou não, ocupar uma sala de aula de graduação superior em teologia. Será que antes de ir para a universidade - Althaus-Reid certamente perguntaria - ela deveria deixar sua calcinha em casa ou acorrentá-la em sua virilha em volta da coxa? Será que ela deveria escondê-la por debaixo de um cinto de castidade trancada a cadeado? Ou, o ideal seria tirar a calcinha e ir sem a roupa interior quando fosse fazer exegese do novo testamento?

“...Nem darei satisfação da minha identidade. Como vocês ousam com este livro me tirar a liberdade?” [...] ‘Da violência simbólica que imprime desde a minha vagina até os meus seios acorrentados por sua moral cristã. Do alimento que sai, à vida que gero dentro, vocês querem colonizar. Se eu não parir? Mulher, não sou. Se eu interrompo, bruxa e má. Não sirvo a Moloque. Nem ao seu Javé, meu sacerdote [...] Meus sentimentos vocês querem domesticar. Quem vocês pensam que são pra me dizer quem posso amar?’⁵⁰

A última pergunta da estudante e poeta é desafiadora, pois vai além de denunciar que eles estão tentando impedi-la de amar outra mulher. Podemos problematizar algo mais ainda absurdo: que o amor dela por Deus e o seu desejo de estudar teologia também estão sendo interditados, afinal, ela está sem calcinha, logo, de repente, eles podem ter visto que no lugar da vulva, ela possui uma genitália andrógina. Ela não é um corpo decente. No entanto, ela ordena:

“Troca esta lente podre e desumana com a qual ler o teu livro. Misericórdia quero e não holocausto. Não é isto que está escrito? Satanás não tá no meu sexo. Ele está no seu olhar. Ele não tá na minha pele. Ele está no seu discurso. [...] Juntemos nossas armas: conhecimentos e saberes, músicas e poesias. A violência simbólica não perpetuará [...]”⁵¹

Graças a hermenêutica libertina, indecente e subversiva de Althaus-Reid, as lentes têm sido trocadas, e tanto as mulheres pobres, negras, indígenas, sexuadas que vendem limões pelas ruas, becos e vielas de cidades do mundo inteiro, quanto nós, pessoas queer e artistas, podemos fazer teologia. Mais ainda - e creio sobretudo ser o mais importante - podemos amar livremente nossas irmãs e a Deus sem precisar de pedir perdão por nenhum desses dois afetos; ainda que outrora o amor por ambos quase nos destruíram, fazendo-nos cambaleiar a beira do caos da perdição do abismo entre a loucura e a razão completamente imersas na escuridão e no vazio... Todavia, graças à arte, graças a poesia, graças a vida, encontramos nosso caminho, e como errantes e incorrigíveis, assumimos nossa dissidência, nossa não identidade, nosso exílio espiritual ainda que isso nos custe nossa reputação e nossa própria carne; pois, o que eles não

⁵⁰ COSTA, 2019, p. 118.

⁵¹ COSTA, 2019, p. 118.

sabem, é que a poesia mais poderosa que existe é aquela que é escrita com o sangue de um corpo que já foi violado de todas as maneiras, mas nunca foi aniquilado. A teologia que mais se aproxima do mistério “Do Impossível De Ser Verificado”, é aquela feita com o sangue de um corpo queer.

Por isso tudo, concluo que este trabalho respondeu de forma científica e acadêmica a pergunta central: se teólogas e teólogos queer, dissidentes sexuais e de gêneros poderiam fazer teologia, e se poderiam fazer através da arte, da poesia. Para responder essa questão, apresentei uma breve definição de quem era o teólogo no contexto de pesquisa de Pelikan, que é um grande referencial teórico que escreve sobre o surgimento da tradição cristã e o ofício do teólogo nos primeiros séculos dessa tradição. Posteriormente - inaugurando uma hermenêutica libertina que se propunha a deslocar o lócus teológico tradicional - eu trouxe a teologia queer de Althaus-Reid, que revelou ser possível redescobrir a face de Deus fora do armário heteronormativo; e foi justamente a sua pesquisa, Deus Queer, que possibilitou esta experiência teológica de inserir minhas obras publicadas - sendo eu uma estudante de teologia e queer - para dialogar com as teologias aludidas - em especial com a teologia indecente de Althaus-Reid; e assim, desvelar através da arte, mais uma face do sagrado, uma vez que o conteúdo das referidas obras são permeados de elementos eróticos, poéticos e religiosos.

Em vista dos argumentos apresentados, percebe-se que o pensamento acadêmico, o pensamento confessional e o pensamento experiencial, matrizes fundantes que conduzem ao estudo da teologia estiveram presentes com suas intrínsecas características neste breve trabalho.

REFERÊNCIAS

ADRIANO FILHO, José. *LIVROS*. Mensagem recebida por <pfanticheli@gmail.com> em 04 ago. 2017. Disponível em <https://mail.google.com/mail/u/1/?pli=1#search/jose+adriano/FMfcgxmVxqmFNDnzDGLvGKdHHdxBMWXR>. Acesso em 29 abr. 2022. 1 *e-mail*.

ALTHAUS-REID, Marcella. *La Teología Indecente: perversiones teológicas em sexo, género y política*. Barcelona: Bellaterra, 2005.

ALTHAUS-REID, Marcella. *Deus Queer*. Rio de Janeiro: Metanoia; Novos Diálogos, 2019.

BOEHLER, Genilma. *O erótico em Adélia Prado e Marcella Althaus-Reid*. Uma proposta de diálogo entre Poesia e Teologia. Tese (Doutorado em Teologia) - Escola Superior de Teologia, Faculdade EST, São Leopoldo, 2010.

COSTA, Priscilla Gomes. *Dá a mão pro bicho não entrar*. Vitória: ELAS TRAMAM, 2017. *E-book*.

COSTA, Priscilla Gomes. *Profana*, [Locução de]: Priscilla Gomes da Costa. [S. l]: Audible Studio, [s.d.]. 1min34s [Audio livro]. Podcast. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/5esUqdcMACY7swPyqn6D5w?si=pLv4P3W6ROSZ7RuoRihqbw&utm_source=whatsapp&nd=1. Acesso em: 09 mai.2022.

FREIRE, Ana Ester, P. *ALTHAUS-REID, Marcella*. Deus Queer. Horizonte, Belo Horizonte, v. 18, n. 56, p. 897-902, maio/ago. 2020.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: Uma breve história da humanidade*. 4.ed. Porto Alegre: L&M Pocket, 2018.

HURWITZ, Siegmund. *Lilith A Primeira Eva: aspectos históricos e psicológicos do elemento sombrio feminino*. 2.a. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

MCGEOCH, Graham. *DÁ A MÃO PRO BICHO NÃO ENTRAR*. Mensagem recebida por <pfanticheli@gmail.com> em 22 abr. 2020. Disponível em: <https://mail.google.com/mail/u/1/?pli=1#search/da+a+mao/QgrcJHsThhLkGfXmNDlnVzqgpCshDVCscMg>. Acesso em 30 abr. 2022. 1 *e-mail*.

PELIKAN, Jaroslav, 2014. *A Tradição Cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina : o surgimento da tradição católica 100 - 600*. São Paulo: Shedd, 2014

ROCHA, Alessandro. *Introdução a Teologia*. São Paulo: Reflexão; São Paulo, 2016.
VIEIRA, Luciana L. F. *As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana*. Revista Mal Estar e Subjetividades. Fortaleza, v.9 n.2, jun. 2009.

ULRICH, Claudete Beise. Teologia Feminista da Libertação e Queer: uma contribuição para as resistências e às existências. In: PEDRO, Joana M. ZANDONÁ, Jair. (Orgs). *Feminismos & Democracia*. Belo Horizonte. Fino Traço. 2019. p.107-119 E-book. Disponível em:
<https://drive.google.com/file/d/1TswawTkG8rZduczjkY6oTbhZN2K5aw6K/view>.
Acesso em: 17maio 2022.